

# MARCOS VILLA

## O Brasil não é para principiantes

Em parceria do UniBrasil Centro Universitário com o Graciosa Country Club, a UFPR, o Solar do Rosário e Casillo Advogados, em 25 de maio, o jornalista Marco Antonio Villa proferiu palestra com o tema “O Brasil não é para principiantes: dilemas da conjuntura político-econômica”. E talvez esta conjuntura nunca tenha sido tão complexa e ameaçadora, motivo por que é indispensável pensar, debater, ouvir pessoas que possam contribuir para a formação do pensamento, o que é um dos objetivos do Projeto Pensando o Brasil e também do UniBrasil Centro Universitário em todas as suas atividades de ensino, pesquisa e extensão.

Em nosso tempo, as opiniões são muitas e variadas, cada acontecimento é avaliado exaustivamente, a informática democratizou a “voz”. O que parece estar em falta são as opiniões firmes, aquelas que se mantêm à parte da simpatia ou antipatia que possam gerar, as que valem a pena ouvir e discordar ou concordar.



Marco Villa é uma das pessoas que têm esse tipo de opinião. Sendo o que se pode chamar conservador, defende seus pontos de vista sem fugir de polêmicas ou entrar no “bom mocismo” comum a muitos colonistas de todas as cores ideológicas.



Auditório do Graciosa Country Clube.

Marco Antonio Villa é bacharel e licenciado em História (USP), mestre em Sociologia (USP) e doutor em História (USP), jornalista e escritor. Publica comentários e análises em seu blog, chamado “Blog do Villa”. Faz parte da bancada do Jornal da Manhã, na Rádio Jovem Pan. Participa semanalmente do Jornal da Cultura, integrando a bancada como comentarista. Atuou como colunista n’O Globo e na ISTOÉ com artigos publicados na Folha de São Paulo, Estadão, La Nación dentre outros. Foi professor da Universidade Federal de São Carlos e da Universidade Federal de Ouro Preto.

AUTORA:

Vera Santos –  
organizadora de eventos  
IAPO – Interamerican  
Association of Pediatric  
Otorhinolaryngology.

É autor dos livros: “A queda do império”, “O nascimento da República no Brasil”, “Vida e morte no sertão”, “Jango, um perfil (1945 – 1964)”, “1932 – Imagens de uma revolução”, “Partido dos Trabalhadores e a política brasileira”, “Revolução de 1932”.

Numa referência involuntária à atual pós-verdade, Villa afirmou “O Brasil é um país fantástico. Mais ainda, é um país do realismo fantástico, onde ficção se mistura com história e produz

releituras ao sabor dos acontecimentos.”

Sua palestra, concorrida e apreciada, versou sobre o atual momento brasileiro, em que o palestrante observou que “a desmoralização das instituições chegou ao ponto máximo, não há paralelo com qualquer momento da nossa história. O Brasil, ao longo da sua história, não teve uma cultura política democrática. 1889 não passou de uma solução de força”.

Caótico e desgovernado, o país já atravessou períodos em que o vocábulo ditadura era utilizado de forma absolutamente positiva pelas principais lideranças políticas, e durante o período em que esta foi mais acirrada, a defesa de uma saída militar para graves crises políticas estava presente em todo o espectro político. Raros apostaram na resposta democrática, e assim a construção de um estado democrático de direito se transformou numa panaceia, com nossa atual constituição sistematicamente invocada por aqueles que mais solapam a democracia.

“No Brasil, a corrupção acabou se transformando em um sistema. Deixou de ser um simples negócio entre corruptor e corrupto. Foi construída uma ampla teia de relações sociais, políticas e jurídicas permitindo e legalizando a reprodução, numa escala nunca vista na história da humanidade, da corrupção” afirma o palestrante, com a evidência de que a crise econômica e a falência dos estados são manifestações explícitas dos limites deste sistema. É indispensável enfrentar a corrupção, que serve à elite dirigente como verdadeiro instrumento de gestão da coisa pública, como se esta constituísse parte intrínseca do funcionamento de uma república carcomida.

Ficamos assim presos a um sistema imune à transformação, petrificado, e que reage a qualquer tentativa de moralização, como se nossos dirigentes já não pudessem sobreviver sem se locupletar com o saque do Estado, são totalmente dependentes da corrupção.

“A ladainha dos rúbulas transformou a defesa da corrupção em segurança jurídica. Propalam aos quatro ventos que o combate aos desvios dos recursos públicos coloca em risco a ordem democrática. Contam com apoio entusiástico das instituições corporativas. Recebem honorários fabulosos sem questionar a origem. Defendem corruptos como se fossem verdadeiros heróis nacionais. Usam e abusam das relações nada republicanas com os tribunais superiores de Brasília. A Constituição e todo arcabouço jurídico são utilizados na defesa dos malandros federais, estaduais e municipais. E os causídicos exibem orgulhosos seus feitos. Sem

nenhum pudor, apresentam nas revistas consumidas em consultórios de médicos e dentistas suas casas, viagens, toda uma vida de luxo e riqueza”.

E o problema mais grave é que empresas, ao lado de políticos, são parte deste sistema, todos estão de tal forma integrados à corrupção que não conseguem produzir ou viver sem participar do saque da coisa pública, veem o Estado como fonte de riqueza; em particular de suas próprias. Usando a estrutura governamental para fomentar seus negócios aqui e no exterior, exportam seus métodos para o mundo como se fossem novos modelos de gestão, uma contribuição brasileira à administração de empresas.

“Não causa estranheza a fúria do sistema contra as ações da Lava Jato. É até natural, absolutamente compreensível. Afinal, o conjunto das operações, as investigações, os processos e as condenações atingem interesses consolidados há décadas na estrutura estatal. O modus vivendi da corrupção está sendo ameaçado. E a ameaça vem da periferia do poder, e não do centro. É inimaginável supor que as condenações da Lava Jato ocorreriam no ritmo e na severidade das penas se os processos corresse nas cortes superiores de Brasília: todos sabem como a Justiça é por lá operada”.

O palestrante considera ainda que definitivamente não será fácil vencer o sistema; muito mais observável tem sido a manutenção de reformas cosméticas, sinalizando hipocritamente que o clamor popular está sendo ouvido pelos donos do poder, mas que a história pode percorrer caminhos inesperados, desconhecidos, e que o momento clama por reestruturações profundas em nossa maneira de vivenciar a questão política.

Com certeza Marcos Villa não esconde suas opiniões, e estas são fortes. O público vibrou com sua disposição de responder perguntas com profundidade. ■



Marcos Villa com Monica Milani e Luiz Otávio Leão, sócios do Graciosa Country Club.